

#208

Era uma vez Calouste Gulbenkian
Cérebro – mais vasto que o céu
Vozes caladas na música ocidental



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



CÉREBRO — MAIS VASTO QUE O CÉU, ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

6

Premiar o comportamento sustentável

Dar pontos em lugar de proibir é a ideia genérica do Uniloop Rewards, um projeto que consiste numa aplicação para premiar os comportamentos sustentáveis. Em entrevista, o criador da Book in Loop, uma plataforma assente na lógica da economia circular, explica como surgiu esta aplicação e o que pretende mudar nos comportamentos dos jovens universitários.

10

Cérebro – mais vasto que o céu

Além do que pode ver na galeria principal da Sede da Fundação, a exposição estende-se à programação paralela imperdível, que a complementa. É o caso dos diálogos do cérebro que vão trazer algumas mentes brilhantes para conversas no auditório 2, enquanto no auditório 3 poderá ver um ciclo de cinema sobre temas ligados ao cérebro.



CALOUSTE GULBENKIAN AOS 30 ANOS
© DESIGN CHANGE IS GOOD

12

Era uma vez Calouste Gulbenkian

Nos 150 anos de Calouste Gulbenkian, seguir as pistas deixadas pela equipa de curadoria de *Calouste: uma vida, não uma exposição* é um jogo que todos podem jogar para ficar a conhecer melhor o homem que se apresentava como um arquiteto de negócios e chegou a ser considerado o mais rico do mundo. Na capa desta edição, pode ver a **imagem simbólica da primeira moeda** que abriu caminho à Coleção Gulbenkian. Esta instalação inspira-se em *The Sound of Silence*, 2006, de Alfredo Jaar.

14

Uma descoberta na Coleção Moderna

Pela primeira vez, a Fundação Gulbenkian mostra um conjunto de obras sobre papel e alguns bordados de Maria Antónia Siza, artista que desapareceu prematuramente aos 32 anos de idade. As obras expostas foram doadas por Álvaro Siza Vieira à Fundação Calouste Gulbenkian e fazem agora parte do acervo da Coleção Moderna.



MARIA ANTÓNIA SIZA, SEM TÍTULO, DÉCADA DE 1960,
TINTA DA CHINA S/ PAPEL © COLEÇÃO MODERNA

Índice



17

Vozes caladas na música ocidental

Esquecidas, silenciadas ou ignoradas, as mulheres compositoras não aparecem nos anais da história da música ocidental. O musicólogo Rui Vieira Nery diz mesmo que “a sociedade europeia tendeu a desencorajar—se não mesmo a reprimir abertamente—a afirmação de mulheres compositoras”. Por isso, o curso que a Fundação apresenta este mês é uma oportunidade para conhecer estas “vozes caladas” e avaliar o seu papel na história da música.



VOZES CALADAS: BARBARA STROZZI

Notícias

- 4** Auxílio a Moçambique
- 5** Um desafio para a cidadania
- 6** Ganhar pontos com o comportamento sustentável
- 8** A arte de incluir pela arte

Exposições

- 9** Gulbenkian Itinerante em Castelo Branco
- 10** Cérebro – mais vasto que o céu
- 12** Era uma vez Calouste Gulbenkian
- 14** Uma descoberta na Coleção Moderna

Música

- 16** Tigran Mansurian em Lisboa
- 17** Vozes caladas na música ocidental

Atividades educativas

- 20** Programas para os dias mais quentes

Ambientes

- 22** Primavera no Jardim Gulbenkian

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#208 – ABRIL 2019 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / CAPA – PRIMEIRA MOEDA DE CALOUSTE GULBENKIAN, ASPETO DE CALOUSTE: UMA VIDA, NÃO UMA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Auxílio a Moçambique

A Fundação doou cem mil euros para ajuda às vítimas do ciclone Idai que atingiu no mês passado a zona da Beira, em Moçambique.



A doação, aprovada a 21 de março pelo Conselho de Administração da Fundação, destina-se às populações atingidas pelo ciclone que fustigou a zona centro de Moçambique, afetando sobretudo as províncias de Sofala, Manica, Zambézia e Inhambane, com particular incidência na Beira, uma das maiores cidades do país. De modo a ajudar a minimizar o impacto que a destruição teve nas populações, a Fundação decidiu participar nas primeiras ações de socorro humanitário através da Cruz Vermelha Portuguesa, doando 100 mil euros para a aquisição de medicamentos e outros consumíveis na área dos cuidados de saúde. O ciclone Idai, com fortes chuvas e ventos com velocidades até 170 quilómetros por hora, atingiu a Beira na noite de 14 de março, deixando um rasto de destruição que acabou por provocar centenas de mortos, milhares de feridos e desalojados.

Um desafio para a cidadania

Nos próximos três anos, o projeto Educação para a Cidadania, uma iniciativa do Programa Cidadãos Ativ@s gerido pela Fundação Gulbenkian, vai tentar mudar a forma de educar para a cidadania em Portugal.



© GETTY IMAGES

A promoção da tolerância, o reforço do papel das organizações da sociedade civil nas políticas públicas e a mudança na forma de educar para a cidadania vão ser alguns dos temas na mesa de trabalho da Fundação Gonçalo da Silveira que, em consórcio com o Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa, foi a organização não-governamental escolhida para pôr o projeto em prática.

Alinhado com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, o projeto terá uma duração de 36 meses e terminará em fevereiro de 2022.

Ao Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa

cabará a criação de uma métrica para avaliar o “nível de cidadania” dos alunos, contribuindo desta forma para o desenho de programas que deem resposta às necessidades dos estudantes e para a medição do impacto das ações de educação para a cidadania. Desde 2007 que a Fundação Gonçalo da Silveira desenvolve um trabalho continuado nesta área, com foco específico na Educação para o Desenvolvimento e na Educação para a Cidadania Global, tendo sido convidada para integrar a equipa responsável pela construção do Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário, aprovado pelo Governo em agosto de 2016.

Ganhar pontos com o comportamento sustentável

Incentivar os jovens universitários a adotar atitudes benéficas para si e para o ambiente é o que move a Uniloop neste projeto inovador de economia comportamental. A iniciativa é apoiada pela área da Sustentabilidade da Fundação.

Manuel Tovar tem 24 anos e é estudante de Direito na Universidade de Coimbra. Em 2015, juntou-se a dois amigos e criou a *startup* Book in Loop, uma plataforma assente na lógica da economia circular que permite às famílias vender e comprar livros escolares reutilizáveis, poupando mais de 80 por cento do seu valor.

A extensão da aplicação ao segmento universitário deu origem à UniLoop, que pretende, a médio prazo, ajudar os alunos portugueses a poupar nas diferentes despesas que têm de enfrentar no seu dia a dia, desde a alimentação ao lazer. A participação num projeto de aceleração social financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2018, foi o ponto de partida para o Uniloop Rewards, que vai premiar os alunos universitários que adotem comportamentos sustentáveis e saudáveis na sua rotina diária, como a mobilidade partilhada, a atividade física e o consumo responsável.

Segundo Manuel, “a ideia destes princípios de economia comportamental, em especial da *nudge theory* [teoria do empurrãozinho], é substituir os tradicionais métodos repressivos da política pública, como as proibições, a tributação adicional ou as sanções, pela promoção dos comportamentos positivos”. Assim, à semelhança do que acontece com os tradicionais programas de fidelização de supermercados e restaurantes, que premeiam o consumo, esta aplicação vai oferecer benefícios ao utilizador por cada atitude sustentável tomada, atribuindo pontos que podem ser transferidos para a conta bancária e levantados em dinheiro, ou convertidos noutros benefícios disponibilizados pelas marcas parceiras, como supermercados, restaurantes, ginásios, bibliotecas ou outras empresas ou serviços que fazem parte das rotinas dos estudantes.



© GETTY IMAGES



MANUEL TOVAR © MÁRCIA LESSA

“O estudante universitário – que é o público-alvo inicial deste programa – descarrega a aplicação, regista-se, identifica-se através da sua conta Google ou do Facebook e, a partir daí, vai escolher alguns objetivos que as marcas vão disponibilizar”, explica Manuel. “Pode ser consumir mais vegetais do que no mês anterior, dar mais passos do que ontem...” Além de permitir registar os produtos que consome e serviços que utiliza, com a ajuda das marcas parceiras, a própria aplicação no telemóvel vai fazer um *tracking* da atividade física do utilizador, contabilizando os passos dados ou as vezes que se desloca em bicicleta, por exemplo. Além disso, será possível adicionar outros objetivos e desafios, dentro daqueles que as marcas sugerem e disponibilizam, e ainda adicionar amigos e acompanhar a sua evolução. Os pontos ganhos são acumulados e o saldo pode ser gasto quando o utilizador quiser.

A aplicação, ainda numa fase piloto exclusiva para o novo polo da Nova SBE, em Carcavelos, será lançada no 2.º trimestre deste ano. A partir do próximo regresso às aulas, em setembro, o projeto será alargado ao resto do país. “A ambição que temos é alargar isto às famílias e restantes portugueses, mas começamos pelos universitários porque são *early adopters* por natureza, portanto muito mais facilmente aderem a uma nova proposta de valor”, diz Manuel. Além disso, “esta nova geração já está muito sensibilizada para as questões da sustentabilidade” e “há também uma preocupação crescente das marcas portuguesas com isto”, uma vez que “os departamentos de sustentabilidade estão a ganhar importância” e a aposta na economia circular é cada vez maior.

A arte de incluir pela arte

A 3.^a edição da iniciativa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social arranca este ano com 15 novos projetos destinados à integração social de comunidades vulneráveis.

Teatro, música, artes visuais, dança, fotografia – são muitas as linguagens artísticas que percorrem a dezena e meia de projetos que receberão o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian no período 2019-2021, nesta 3.^a edição da iniciativa PARTIS. O projeto Filarmónica Enarmonia quer possibilitar a aprendizagem musical e a prática em conjunto de instrumentos de sopro e percussão com crianças, jovens e adultos cegos e com baixa visão, no contexto de banda filarmónica. A Orquestra de Afetos propõe um trabalho de prevenção da agressividade em contexto escolar, promovendo a comunicação afetiva na creche através da música. Os projetos Corpo em Cadeia e Lado P pretendem levar a experiência performativa, da dança ou do teatro, a grupos de reclusos nos estabelecimentos prisionais de Cascais, Leiria, Sintra e Lisboa, envolvendo também as suas famílias. O projeto Mare Libertum vai dinamizar oficinas de escrita, teatro, cinema e fotografia em três centros educativos distintos.

Outros projetos, em diferentes regiões do país, vão incidir no contacto intergeracional, no questionamento de estereótipos como os papéis de género, nas mulheres que encabeçam famílias monoparentais, na inclusão de pessoas com deficiência intelectual ou motora, entre outros.

As propostas são muitas e variadas, mas o propósito é comum a todas: promover o encontro e o diálogo junto de pessoas em situação de vulnerabilidade ou exclusão, contribuindo para a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social e territorial. Tudo por meio da arte.

Desde 2014, que a iniciativa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social apoia, através de subsídios e ações de capacitação, organizações que desenvolvem projetos cuja metodologia central passa por pôr as práticas artísticas (plásticas, audiovisuais e/ou performativas) ao serviço da inclusão de cidadãos socialmente excluídos ou em percursos de grande vulnerabilidade social.



ILHA © PAULO PIMENTA

Gulbenkian Itinerante em Castelo Branco

Este mês a cidade de Castelo Branco junta-se a Sines no mapa das cidades nacionais que acolhem exposições com obras das coleções do Museu Gulbenkian.

Retomando o espírito das emblemáticas carrinhas-bibliotecas da Fundação, que percorriam o país de norte a sul, a mais recente exposição da Gulbenkian Itinerante vai estabelecer-se no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco **a partir do dia 6 deste mês e até 28 de julho**. A mostra tem curadoria de Jorge da Costa e esteve recentemente no Espaço Miguel Torga em São Martinho de Anta (Sabrosa). A larga maioria das obras reunidas nesta exposição, intitulada *Corpo e Paisagem*, é de artistas contemporâneos portugueses presentes na Coleção Moderna, mas também se podem ver peças antigas da coleção reunida por Calouste Sarkis Gulbenkian, oriundas da Síria, Turquia ou Japão.

A exposição inclui artistas consagrados como Alberto Carneiro, Almada Negreiros, Ana Vidigal, António Areal, Antony Gormley, Carlos Botelho, Costa Pinheiro, Daniel Blaufuks, Eduardo Nery, Graça Morais, Helena Almeida, João Queiroz, Jorge Barradas, José Pedro Croft, Júlio Resende, Lourdes Castro, Manuel Botelho, Mário Eloy, Menez, Miguel Palma, Paula Rego, Rui Chafes, Rui Sanches, Stanislas Lépine e Thomas Weinberger.

Sines é a outra cidade que acolhe, atualmente, obras das Coleções do Museu Gulbenkian numa exposição intitulada *Pontos de Encontro*, que pode ser visitada no Centro de Artes da cidade até dia 9 de junho.

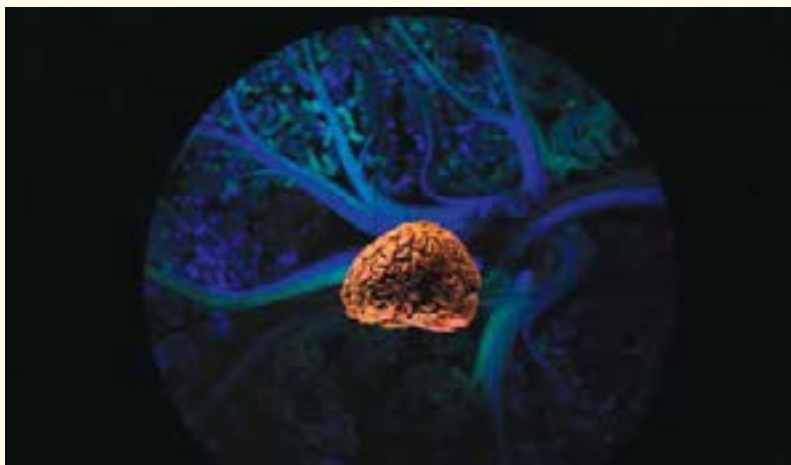
A próxima exposição Gulbenkian Itinerante vai instalar-se no Palácio da Galeria, em Tavira, de 23 de novembro a 23 de fevereiro de 2020.



PAULA REGO, O TEMPO, PASSADO E PRESENTE, 1990

Cérebro – mais vasto que o céu

Mais de dez mil pessoas visitaram, na primeira quinzena, a exposição que marca o regresso da Fundação Calouste Gulbenkian às grandes exposições de ciência.



CÉREBRO COM IMAGEM DE GREG DUNN EM FUNDO © JORGE RIBEIRO

Esta exposição conta-nos a história do cérebro, desde a sua origem – ilustrada por um fóssil com 500 milhões de anos – até ao horizonte aberto pela inteligência artificial.

À entrada, um ambiente sonoro criado por Rodrigo Leão para uma instalação vídeo de Greg Dunn, conduz-nos por uma emocionante viagem ao interior do cérebro humano. Um prólogo que prepara o visitante para o contacto com um monumental neurónio, com 12 metros de comprimento e cerca de 30 quilómetros de fibra ótica, suspenso do teto, que dispara feixes de luz à passagem do visitante.

Além deste neurónio gigante, duas outras peças sobressaem em cada um dos três módulos que compõem esta exposição: uma singular Orquestra de Cérebros que regista e traduz em música a atividade cerebral dos visitantes; e um conjunto de incansáveis robôs pintores, do artista Leonel Moura.

Esta exposição foi totalmente pensada e construída de raiz para a Galeria Principal do Edifício Sede da Fundação Gulbenkian e aposta em dar a conhecer o cérebro através de experiências estéticas e emocionais, enquadrada por informação científica com múltiplas camadas de leitura dirigidas a várias idades e a diversos níveis de conhecimento.

Uma programação paralela de conversas sobre diferentes aspetos do cérebro juntará cientistas a figuras de diversas áreas, como o escritor José Eduardo Agualusa, o chef José Avillez, ou o artista Leonel Moura. António Damásio encerra este ciclo com uma conferência sobre *O Cérebro, o Corpo e a Naturalidade da Consciência*. Um pequeno ciclo de filmes, comentados por cientistas, complementará a programação paralela. Às sextas-feiras, a exposição estará aberta entre as 10h e as 21h. Nos restantes dias (exceto às terças, dia de encerramento ao público), o horário de abertura é entre as 10h e as 18h.

Diálogos do Cérebro

Auditório 2, 18h30

Quarta, 8 maio

O Cérebro Social

Hunter Halder – ReFood, Portugal

Larry Young – Emory University, EUA

Quarta, 15 maio

Cérebros e Robôs

José Santos-Victor – IST, Portugal

Leonel Moura – artista conceptual, Portugal

Quarta, 22 maio

Criar Memórias

José Eduardo Agualusa – escritor, Angola

Nicky Clayton – Cambridge University,

Reino Unido

Quinta, 30 maio

Mentes Animais

Carla Flanagan – Zoomarine, Portugal

Tetsuo Matsuzawa – Kyoto University, Japão

Sexta, 31 maio

Extensões da Mente

Amy Sterling – Eyewire, USA

Alaa Abi Haidar – artista e cientista, França

Sábado, 1 junho

O Cérebro e a Dieta

Carlos Ribeiro – Champalimaud Research,
Portugal

José Avillez – *chef*, Portugal

Domingo, 2 junho

O Cérebro, o Corpo e a Naturalidade da Consciência

António Damásio – University of Southern
California, EUA



© MÁRCIA LESSA

O Cérebro no Cinema

Auditório 3, 18h30

Sábado, 1 junho

Divertida-Mente

Comentários de Teresa Garcia Marques

– ISPA

Domingo, 2 junho

Encontro de Irmãos

Comentários de João Peça

– Universidade de Coimbra

Sábado, 8 junho

Uma História de Amor

Comentários de Arlindo Oliveira

– IST

CÉREBRO:

MAIS VASTO QUE O CÉU

Curadoria científica: Rui Oliveira
Galeria Principal do Edifício Sede

11 Exposições

Era uma vez Calouste Gulbenkian

Calouste: uma vida, não uma exposição *é feita das pistas deixadas pelo curador e pela equipa de design que desenhou esta mostra. Entre todas, que peça destaca cada um, neste caminho que percorre a vida de Gulbenkian?*



(AUSÊNCIA)
FRANCISCO DE GOYA,
*LA CONDESA DE
CHINCHÓN*, 1800
ÓLEO SOBRE TELA,
216 X 144 CM
ATUALMENTE
NO MUSEU DO PRADO.

© MÁRCIA LESSA

Paulo Pires do Vale, curador

Ao começar a pensar nesta exposição, Paulo Pires do Vale imaginou expor as obras que Gulbenkian desejou ao longo da vida, mas não conseguiu ter. Esse foi o ponto de partida. Depois a ideia evoluiu... mas não desapareceu.

Assim, numa parede da galeria, está pendurada uma grande moldura dourada vazia. A moldura, a que chama *Ausência*, tem a exata medida de uma obra de Goya que Calouste Gulbenkian muito desejou para a sua coleção, *La condesa de Chinchón*, mas nunca conseguiu comprar à família dos duques de Sueca. Ao regressar, desta forma, à ideia inicial da exposição, Paulo Pires do Vale quis deixar marcada a imagem de Gulbenkian como um "coleccionador ávido e a sua experiência do desejo". Esta apresentação de uma moldura vazia retoma um dispositivo de Antoni Muntadas utilizado na instalação *Exhibition*, 1987.



PIPELINE
CHANGE IS GOOD, 2019
TAPEÇARIA, 900 X 280 CM

© MÁRCIA LESSA

José Albergaria e Rik Bas Backer, Change is Good

Confrontado com a dificuldade da escolha – “há muitas peças de que gosto, incluindo a peça do Goya, a *Ausência*”, mas essa já estava escolhida, diz José Albergaria – a dupla da Change is Good escolhe o tapete que desenhou.

“A viagem à Transcaucásia foi um momento importante da vida de Calouste.

Aí, Gulbenkian mostra as suas duas paixões: a paixão pelo dinheiro, pelo petróleo, o negócio, e a paixão pela arte”, refere. Com a peça escolhida, a dupla mostra o homem “que tem sede de construir, do negócio, mas que também tem um lado mais emocional, da arte, do olhar para os tapetes persas, para o Oriente.”

O tapete, feito na Fábrica de Beiriz, representa “*pipelines*, tubos que se cruzam, como as duas vidas que se cruzam numa só peça.”

Uma descoberta na Coleção Moderna



Trinta e seis obras de Maria Antónia Siza, artista desconhecida e prematuramente desaparecida, estão atualmente em exposição na Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian.

Este conjunto, que inclui desenhos a tinta da China, guaches, bordados e alguns estudos, fazem parte de uma doação de mais de cem trabalhos feita pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira à Fundação Calouste Gulbenkian.

Oriunda de uma família conservadora com uma forte educação religiosa, Maria Antónia Siza (Porto, 1940-1973) inscreve-se no curso de Pintura na Escola de Belas-Artes do Porto aos 17 anos, o que lhe proporciona uma mudança de costumes, sobretudo pelo contacto com artistas como Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro, Armando Alves, entre outros.

Durante a década de 1960, a artista produz ativamente numerosas obras que são agora vistas, pela primeira vez, na Fundação Calouste Gulbenkian.

O singular universo da sua obra, ora mais expressionista, ora mais surrealista, representa figuras grotescas, provocadoras, perturbantes, contorcidas na cama ou no chão, deitadas, estorcidas, viradas do avesso. São seres de palco, coreografados em grupo, percorrendo, amontoados, a página de papel; por vezes, erguem-se isolados nos seus pensamentos, perdidos na folha em branco. De um traço único, de um movimento particular, cada personagem representa um encontro com a artista. Durante a sua vida, Maria Antónia Siza expôs os seus trabalhos uma única vez, na Cooperativa Árvore, no Porto, em 1970.

MARIA ANTÓNIA SIZA, SEM TÍTULO,
DÉCADA DE 1960, BORDADO © COLEÇÃO MODERNA



MARIA ANTÓNIA SIZA, SEM TÍTULO, DÉCADA DE 1960, TINTA DA CHINA SOBRE PAPEL © CATARINA GOMES FERREIRA



MARIA ANTÓNIA SIZA, SEM TÍTULO, DÉCADA DE 1960, TINTA DA CHINA SOBRE PAPEL © COLEÇÃO MODERNA

Tigran Mansurian em Lisboa

O maestro arménio estará em Lisboa para uma conversa e dois concertos que fazem parte do programa de comemorações dos 150 anos de Calouste Gulbenkian.



CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

Arménio, nascido em Beirute, Tigran Mansurian é reconhecido como um dos precursores da música contemporânea na antiga URSS e o primeiro a introduzir técnicas modernas de composição na Arménia soviética, onde vive desde 1947.

Compositor de obras para orquestra, música de câmara, coral e vocal, a sua música tem percorrido mundo. No início deste mês de abril, aquele que é considerado o mais importante compositor da Arménia contemporânea estará em Lisboa para homenagear o homem de negócios, colecionador de arte e filantropo também de origem arménia que deu nome à Fundação Calouste Gulbenkian.

Durante a sua estadia em Portugal, Mansurian vai conversar com Miguel Sobral Cid, diretor-adjunto da Gulbenkian Música, sobre a música arménia. Quanto às suas obras, poderão ser ouvidas em duas ocasiões: na Igreja de S. Roque, em Lisboa (pelo Coro e Orquestra Gulbenkian) e na Fundação Gulbenkian (pelo Dellalian Trio e Lisbon Chamber Ensemble).

5 abril

21H00, IGREJA DE S. ROQUE, LISBOA
Requiem de Mansurian pelo Coro e Orquestra Gulbenkian

6 abril

16H00, AUDITÓRIO 3, EDIFÍCIO SEDE
Conversa entre Tigran Mansurian e Miguel Sobral Cid

17H00, AUDITÓRIO 2, EDIFÍCIO SEDE
Dellalian Trio e Lisbon Chamber Ensemble tocam Mansurian

Vozes caladas na música ocidental

Neste curso livre, o musicólogo Rui Vieira Nery vai dar voz a compositoras que, por terem nascido mulheres, não deixaram o seu nome inscrito na história da música.



HILDEGARD VON BINGEN

Percorrendo um arco temporal que vai do século XII aos nossos dias, o curso divide-se em 3 sessões: as devotas e as elegantes (dia 8); as fadas do lar (dia 9); e as insubmissas (dia 11). No primeiro módulo, o orientador falará das mulheres que compuseram em ambiente de clausura conventual ou na distinção da corte; o segundo foca a sentimentalidade romântica e o espaço doméstico; no terceiro, sublinha-se o papel das mulheres compositoras na construção da modernidade. Numa curta entrevista, Rui Vieira Nery desvenda alguns dos rostos destas mulheres talentosas, muitas completamente desconhecidas, cujas composições dará a ouvir, em breves trechos comentados.

A quem se destina este curso?

“Vozes Caladas: mulheres compositoras na história da música ocidental” destina-se a um público diversificado que se interesse tanto por conhecer um vasto repertório musical de grande qualidade, que raras vezes se ouve nas programações das salas de concerto, como por saber mais sobre o papel das mulheres na criação musical ocidental desde a Idade Média. Procura estimular nesse público a descoberta de muita música de extraordinária qualidade, que foi sendo criada ao longo dos séculos pela nossa civilização, mas que, por razões que não têm a ver com o mérito das obras, mas apenas com uma sistemática discriminação das suas autoras, pelo simples facto de serem mulheres, ficou de fora do cânone da História da Música universal.

Num universo criativo reservado



CLARA SCHUMANN

a homens, muitos talentos femininos ter-se-ão irremediavelmente perdido...

De facto, a sociedade europeia tendeu a desencorajar — se não mesmo a reprimir abertamente — a afirmação das mulheres compositoras. Salvo raras exceções, a tendência foi sempre a de circunscrever a criatividade musical das mulheres ou à esfera familiar, ou, quando muito, aos espaços de sociabilidade feminina, como os conventos do Antigo Regime ou os salões domésticos do século XIX. Só na viragem para o século XX se começam a abrir algumas oportunidades de afirmação para as compositoras, mesmo que ainda face aos maiores obstáculos. Ao longo dos séculos, muitas mulheres talentosas terão por certo desistido da sua vocação musical, ou sido obrigadas a canalizá-la para géneros musicais menores, por lhes ser negado o acesso à ópera ou à música sinfónica, por exemplo.

Que vozes vamos descobrir nestas sessões?

O curso vai ser fundamentalmente um mosaico de audições musicais comentadas ao longo dos séculos, desde as obras de cantochão sacro de Hildegard von Bingen, no século XII, e de todas as monjas compositoras dos conventos italianos dos séculos XVI e XVII, às das mulheres que, nos séculos XVII e XVIII, se conseguiram afirmar como compositoras profissionais respeitadas (Francesca Caccini, Barbara Strozzi ou Elizabeth Jacquet de la Guerre); e do legado das compositoras oitocentistas ainda relegadas para segundo plano como criadoras (Fanny Mendelssohn, Clara Schumann, Amy Beach, Cécile Chaminade), ao das pioneiras do Modernismo, na viragem para o século XX (Lili Boulanger, Germaine Tailleferre, Ruth Crawford-Seeger), da vanguarda do pós-Guerra (Constança Capdeville) ou da pós-modernidade (Sofia Gubaidulina).

De todas estas mulheres há alguma que queira destacar pela excelência da sua obra?

Além de todas as que já referi, gostaria de destacar a figura extraordinária de Rebecca Clarke (1886-1979), uma inglesa que se radicou nos Estados Unidos e que, depois de tentar infrutiferamente afirmar-se



FANNY MENDELSSOHN

como compositora, no primeiro terço do século XX, praticamente abandonou a composição, até ser redescoberta na década de 1970, quando tinha quase 90 anos.

Como vê o panorama atual em relação a mulheres compositoras?

Felizmente, o panorama tem vindo a alterar-se num sentido positivo no que respeita às compositoras atuais. Estou a pensar, no caso português, em nomes consagrados como o de uma Isabel Soveral; ou, mais recentemente, como o de uma Andreia Pinto-Correia, que tem feito uma carreira notável nos Estados Unidos. Mas, no que respeita ao contributo das grandes compositoras do passado, as programações das salas de concertos continuam em geral a ignorá-lo quase por completo e, por conseguinte, o público não tem ocasião de conhecer o legado de tantas destas artistas excecionais que ao longo dos séculos foram criando, em muitos casos, obras magníficas, que foram sistematicamente ignoradas pelo simples facto de saírem da pena de mulheres.

gulbenkian.pt/descobrir

Curso livre

8, 9 e 11 de abril

Vozes Caladas na música ocidental: mulheres compositores na história da música ocidental

Dia 8

As devotas e as elegantes: da clausura conventual à distinção da corte

Dia 9

As fadas do lar: sentimentalidade romântica e espaço doméstico

Dia 11

As insubmissas: mulheres compositoras na construção da modernidade

Auditório 3, 18h30

Descobrir a primavera e o verão na Gulbenkian

Dentro ou fora de portas, faça chuva ou faça sol, ocasiões para visitar a Fundação não faltam. Fique a conhecer as atividades propostas na temporada de abril a setembro.

Para os mais velhos

As duas grandes exposições que marcam o ano de 2019 na Fundação (*Cérebro – mais vasto que o céu* e *Calouste: uma vida, não uma exposição*), assim como as duas exposições patentes no Museu Calouste Gulbenkian até ao início de outubro (*Sarah Afonso e a Arte Popular do Minho* e *O Gosto pela Arte Islâmica*) serão o ponto de partida para muitas visitas orientadas (gerais ou temáticas), conversas com curadores, artistas ou convidados e muito mais, tudo isto a não perder nesta temporada por jovens e adultos.

Entre as novidades, destaca-se o ciclo de visitas **Duas obras à hora do almoço**, que, entre abril e junho, desafia três artistas a estabelecer diálogos entre obras da Coleção Moderna, numa conversa de 30 minutos à hora do almoço. Os nossos visitantes poderão também descobrir o Jardim Gulbenkian, conhecer os seus bastidores, os animais e as plantas que habitam este oásis no centro da cidade de Lisboa. Dois ciclos de oficinas orientados pelo *urban sketcher* Mário Linhares serão ainda mais uma oportunidade para explorar o Jardim através do desenho.

Aproveitando as comemorações dos 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian, foi pensado um ciclo de conversas na Biblioteca de Arte intitulado “**No Paraíso havia tabaco**”, que terá conversas à volta da Arménia e da vasta coleção de livros da biblioteca particular de Calouste.

No que toca à música, sugerimos o último Concerto de Domingo desta temporada, *Florestas Silenciosas*, dedicado a compositores como Dvorák, Smetana, Wagner e Mendelssohn-Bartholdy. Em maio, vai também poder assistir ao filme de Charlie Chaplin, *Tempos Modernos*, com interpretação musical ao vivo. Não esqueçamos ainda os Concertos Promenade, que permitem agora um verdadeiro passeio musical pelas galerias da Coleção Moderna.





© RODRIGO DE SOUZA

Para os mais novos e famílias

Porque 2019 será um ano para celebrar Calouste, as famílias com crianças dos 5 aos 10 anos são convidadas a participar em *O Homem das Mil Moradas*, um acontecimento teatral que descobre o percurso de vida de Calouste Gulbenkian e algumas das peripécias que envolveram a criação da sua coleção de arte. Até setembro, as propostas de oficinas criativas e originais abundam: desde aprender a criar bibliotecas de botânica, imprimir folhas em tecido, ser cuidador de sementes, descobrir uma farmácia no Jardim, perceber o ciclo da lã, fabricar tinta de escrever ou teares com materiais naturais, até desenhar, fazer piqueniques de plantas e construir animais vegetais. Isto, é claro, sem contar com as já habituais oficinas de Páscoa e verão para crianças e jovens dos 5 aos 15 anos; as Histórias de Musear para famílias com crianças dos 2 aos 5 anos; os Concertos no Grande Auditório em família; e as visitas com audiodescrição e percurso tátil.

Veja a programação completa em gulbenkian.pt/descobrir.

Ambientes

Viva a primavera no Jardim Gulbenkian...

Fotografia de **Ricardo Oliveira Alves**





GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa